

# O RECONHECIMENTO

## uma carta para o amor

Como falar de amor, ou para o amor em situações de escandalosas experiências e manifestações de dor, gestadas e alimentadas nos mais diferentes cenários da sobrevivência humana?

É nesta realidade, por muitas vezes enlouquecedora, que manifesto amor à minha história, à PJ e à minha mãe: *Eunice Miranda de Souza*, vítima do projeto genocida do governo federal brasileiro, executado através da crise sanitária do COVID19.

Reconhecer a minha história e daquela que me gerou, é identificar na Pastoral da Juventude a constituição da identidade social e da configuração do meu lugar no mundo. Foi na PJ, que um fator importante da sobrevivência cidadã humana, comigo aconteceu: *o reconhecimento de ser quem se é.*

Dentre as tantas experiências, eu, uma mulher (na época) adolescente e cristã, chegou à comunidade de vivência de fé, buscando por um modelo de vida que nunca seria meu e nem da minha família. Foi neste lugar que senti a acolhida incondicional e fundamental para minha sobrevivência em um mundo difícil e com realidades desafiantes e interpeladas pelas desigualdades sociais. Neste caso, quando falo em *reconhecimento*, estou dizendo de uma dimensão em que o olhar da outra pessoa, pode gerar autoestima, confiança e valorização. Mas também pode intensificar em nós a incapacidade de autoaceitação, que interfere de maneira punidora e cruel no julgamento de ser o que se é.

Para a minha história, tudo se transforma, depois de ter a PJ fazendo parte de mim e eu fazendo parte dela. Importante dizer aqui, que a causa antecede a discípula. Ou seja, o que deu novo sentido a minha existência não tinha como centro da ação a PJ na perspectiva organizacional, mas tinha as belezas e dores de ser parte de um grupo de

# O RECONHECIMENTO

## uma carta para o amor



jovens, aquele lá da comunidade, que se reunia em uma sala depois da “missa da 10”. Mas que hoje, pela causa da vida da Juventude, identifico nos processos de organização, a sustentabilidade de poder continuar a missão.

Depois de mais de 25 anos de chegada nessa comunidade de jovens, o *reconhecimento* que falei inicialmente foi gerando em mim, aquilo que eu precisava para ser plenamente humana nas minhas experiências e que me acompanham: *coragem* e *superação* para estar onde estou. **Estou preparada** para estar nos lugares e espaços em que faço morada hoje: nas dinâmicas do trabalho profissional, nas relações e no lugar social e político que estão caminhando lado a lado com a Palavra, a coerência e a ética do cotidiano. Sinto-me honrada e capaz de Ver, Rever e Trans-ver na PJ, processos e estruturas de coordenação, o que chamo de *capacidade gestacional e estruturantes*, de uma pastoral que investe incansavelmente e corajosamente nos processos de aprendizagens transformadoras.

O caminho do *reconhecimento* interno e externo me colocou em um lugar do Poder, que não me causa mais o medo que paralisa, muitas vezes estruturados em modelos patriarcais de existir. Este poder que está relacionado com *potencias* e *vulnerabilidades*, *luzes* e *sombras*, e sobretudo *esperanças* e *frustrações*, fazem de mim, esta mulher que escreve esta carta de amor, de reconhecimento.

Foi na PJ que o belo (concepção estética da arte), a mística da dança e das boas músicas, e a capacidade intelectual de interpretar e sistematizar, compuseram na sua síntese: os *processos de formação* que pude receber de lideranças jovens, comunitárias e populares, assessores/as, religiosos/as, padres e bispos, como referenciais que ainda hoje são profundas influencias na minha vida.

Inicialmente eu falava do amor que quero declarar a minha mãe, especialmente por que ela foi importante para a PJ, e é reconhecida por isso. Primeiro, porque me deu a vida e cuidou para eu crescesse em segurança e com saúde. E depois, porque fez muitos esforços para me apoiar e incentivar na dedicação, muitas vezes de forma integral à PJ. Ela se orgulhava com a minha trajetória na pastoral e as consequências deste caminho.

Sigo declarando meu amor a PJ, porque foi neste lugar que fiz amigos/as (de uma vida) que junto comigo fazem trajetórias. Foi nesta pastoral que uma das experiências mais poderosas que experimentei, a Casa da Juventude Pe. Burnier, a CAJU, influencia ainda hoje no que SOU. Foi naquela tenda física e afetiva, que ultrapassou as paredes físicas e que alcançaram processos orgânicos, que trago a memória de todos os antepassados humanos e sagrados a quem dedico e declaro este amor.

# O RECONHECIMENTO

## uma carta para o amor



Eu reconheço, amei e amo a Pastoral da Juventude, que é o próprio amor. Sentimento que só tem “sentido” se está articulado com a amorosidade, capacidade de ser amor na realidade que nos faz duvidar da justiça e algumas vezes nos colapsa (mas, não é para sempre). Como cantava Mercedes Sosa “*Tantas vezes me mataram, tantas vezes morri, entretanto estou aqui, ressuscitada*”

Te ofereço amor, mãe.

Te ofereço amor, PJ.

*Alessandra Miranda.*

